

# O FMI deve abrandar rigor, para chegar a um acordo viável

por Cláudia Safatte  
de Brasília

O Fundo Monetário Internacional (FMI) deverá mesmo ceder no seu rigor metodológico para que o Brasil possa fazer um acordo possível de ser cumprido. "A minha impressão é que o FMI abrirá não da metodologia usada para calcular o déficit público", disse William Tyler, economista senior do Banco Mundial, que também está numa missão no país, e que manteve contatos com a cúpula do governo, com a missão do Fundo e com os economistas dos bancos estrangeiros.

Para Tyler, a razão da maior flexibilidade do FMI na negociação com o Brasil é simples: "nenhum país, seja da Europa ou mesmo os Estados Unidos, conseguiria implementar um programa de redução do déficit público nos moldes delineados pelo Fundo". No caso brasileiro, entretanto, haveria ainda mais um agravante que estaria dificultando as negociações: a inexperiência do Fundo de trabalhar num país como altas taxas de inflação e com formas peculiares de convivência com essa taxa, como a correção monetária.

## SOLUÇÕES

Na reunião de hoje, porém, todas essas questões estarão resolvidas. Os ministros da Fazenda, Ernane Galvêas, do Planejamento, Delfim Neto e o presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, definirão, em encontro com



Horst Struckmeyer

a missão do FMI que retornou ontem a Brasília, quais serão os critérios aplicados na medição do déficit e, por fim, com qual cifra se trabalhará daqui por diante.

O governo dispõe de algumas alternativas para essa questão. São hipóteses elaboradas tecnicamente que serão confrontadas com a orientação trazida pelos dirigentes da missão, que permaneceram quase duas semanas em Washington, desenvolvendo consultas junto à direção do FMI.

Segundo uma fonte que participou intensamente das negociações com os técnicos do Fundo, apesar do problema conceitual do déficit público ter sido levantado pelo governo brasileiro há bastante tempo, somente há uma semana atrás é que o FMI resolveu levar a reivindicação em consideração. E foi a partir daqui que "começamos a negociar algumas hipóteses" que serão respaldadas

na reunião de hoje, no palácio do Planalto, onde governo brasileiro e FMI começaram a esboçar os novos termos do acordo.

## ACORDO RÁPIDO

Ontem pela manhã, logo ao desembarcar em Brasília, Horst Struckmeyer declarou a este jornal que "o FMI está interessado em que o acordo saia o mais rápido possível". Após reunir-se com os demais membros da missão que permaneceram em Brasília, ele disse à repórter Célia de Gouvêa Franco, que espera "que as negociações tenham terminado até a semana que vem".

Não quis, entretanto, comentar sobre a conceituação do déficit público.

Thomas Reichmann, que também retornou ontem a Brasília, falou que o acordo demandará a elaboração de uma nova carta de intenções, porque as metas trimestrais estão sendo revistas.

Antes de concluir os termos da nova carta, entretanto, os emissários do Fundo terão novos contatos com os ministros brasileiros, segundo informou uma fonte da Seplan, que também espera a conclusão do acordo para meados da semana que vem.